

Os desafios da reinvenção da formação acadêmica na pós-pandemia



Foto por: Kananda Ferreira / Instagram

Nos últimos quatro anos, o Brasil vem sendo fragmentado com uma política de Governo totalmente autoritária e discursos que colocam os direitos humanos fundamentais como moedas de troca, usando a violência como ferramenta política, ideológica e social de imposição do medo, da desigualdade e de uma justiça que só convêm os interesses de um grupo específico. Com a pandemia da COVID-19, decretada em Fevereiro de 2020, as condições de vida se agravaram ainda mais na vida

de milhares de brasileiros e acentuaram angústias sociais que se tornaram cada vez mais presentes principalmente nas favelas e periferias como a desigualdade, a fome e o desemprego.

Nas faculdades públicas, o caminho da EAD se tornou uma ferramenta mais segura de preservação de vidas para que docentes e estudantes continuem com a possibilidade de construir as relações sociais necessárias para a formação acadêmica, os processos curriculares educacionais e como um *'espaçotempo'* a distância de estudo sobre o que envolve a Educação. Entretanto, chega um determinado momento em que esse local de "potência" dá lugar a desumanização dos sujeitos que se encontram ali e suas condições de vida atuais. Ritmos frenéticos de sobrevivência numa universidade que, de início, não foi pensada para estarmos ali e que nós, dos espaços favelados e periféricos, teimamos em estar mesmo assim porque sabemos que lá também é nosso por direito.

Sendo um espaço onde aprimoramos os nossos conhecimentos por meio do processo de *'aprenderensinar'*, a sensação constante é de nos sentirmos pequenos diante da grandeza que nós somos enquanto educadores em formação comprometidos com as mudanças na sociedade e excluídos por conta de uma internet ruim, pelas demandas de trabalho, da maternidade, pelas questões psicológicas (depressão, ansiedade, TDAH, etc.) e pelos cotidianos violentos de nossos territórios. Existe o *'aprenderensinar'*, mas dificilmente temos o *'ouvirsentir'*.

As importantes políticas públicas de inclusão e permanência não parecem ser o suficiente para que seus estudantes continuem cursando aquilo que escolheram, já que alguns dos seus docentes usam a individualidade para passar por cima dessas situações vividas por tantos e a coletividade fica só na teoria para todo mundo ver. Se somos desumanizados dessa maneira a ponto de nos desmotivar a estar neles e atingir diretamente o nosso aprendizado, como vamos elaborar nossas atuações fora dela de forma humanizada, respeitosa e cidadã perante o outro enquanto educadores? Este é um importante indicativo da

ressignificação dos encontros, tanto presenciais quanto remotos, e repensar o conceito de coletividade para a prática.



Tuany Nascimento, professora de ballet e idealizadora do projeto "Na Ponta dos Pés" no Complexo do Alemão – RJ. Foto por: Sebastian Gil Miranda

Enquanto esferas públicas onde praticamos o conhecimento que adquirimos ao longo da vida para pensar, estudar e agir em novos caminhos durante a nossa trajetória universitária, é fundamental termos em prática os vínculos afetivos para que a nossa existência dentro dela seja respeitada e não afetada. Não menos importante, se fazer presente dentro das lutas coletivas dos estudantes e suas narrativas cotidianas (tanto dentro, quanto fora das faculdades, especialmente quando se trata de saúde mental) é uma responsabilidade social de todos, necessário para sair da própria bolha da realidade e compreender que não dá para projetar como será o nosso futuro sem pautar a presença desses sujeitos para a construção de uma sociedade mais justa, plena e digna.

O exercício do olhar e se colocar no outro é só o primeiro passo de muitos para explorar realidades cotidianas desconhecidas e estar por dentro de mudanças já pautadas por outros há muito tempo. É dessa forma que as relações que construímos dentro desses espaços nos ajudam a moldar os mediadores de saberes que tanto ansiamos ser e também trazem os questionamentos sobre quais serão os próximos desafios. Quem pergunta, aprende. Quem responde, ensina.

Sobre a autora:

Kananda Ferreira. Moradora do Complexo da Maré, na Zona Norte do RJ. Escritora, fotógrafa, mãe e educadora em formação no curso de Pedagogia na UERJ. Anteriormente, atuou como colunista na ONG Voz das Comunidades e fez parte da coordenação pedagógica do pré-vestibular Unifavela, sendo ambas instituições de favelas.